

APRECIACÕES

TEATRO NACIONAL

Autores e atores

Afirmam escritores patricios que, no Brasil, não há teatro e nunca o houve; que, no Brasil, não há um dramaturgo que haja criado uma obra de valor; que, finalmente, nós nunca tivemos atores, a não ser o *esporádico João Caetano*.

Pois eu, com risco de que me chamem de doido, afirmo e provo o contrário.

De que precisamos é de público; público educado; público de bom gosto literário e artístico; público que faça face aos sacrifícios de empresas criteriosas; público que não dê palmas a *Os Milagres de Sto. Antônio*; que não apinhe a plateia só quando aparecerem nos cartazes os anúncios de melodramas como *Os dois garotos*, *Os estranguladores de Paris*, de dramalhões como o *Zé do Telhado* ou *As duas órfãs*, ou, finalmente de deslavadas revistas de ano onde imperam o maxixe *rafiné*, a exibição de pernas de todos os feitios, os fadinhos apimentados, a pornografia literária.

Façamos um rápido estudo; não falemos nos *Autos Tupis*, do missionário Anchieta que obedeciam a um plano – o de propagar a catequese de nossos índios e que foi obra incolor; não falemos na tragédia *Othelo*, *O Poeta* e a *Inquisição e Olgiato*, a segunda das quais é uma beleza, do Visconde do Araguaya, tido com o fundador do teatro nacional, como o foi o romantismo; passemos de largo pelos dramas de Gonçalves Dias, no número dos quais figura essa *Leonor de Mendonça*, que é um mimo; não digamos nada sobre o *Gonzaga*, de Castro Alves, que é mais um primor literário do que uma obra dramática; sejamos também pessimistas e admitamos que as comédias de Macedo, de França Júnior e de Moreira Sampaio nada valem, o que é um absurdo; digamos mesmo que as peças de Martins Pena, locais onde é estudada a vida íntima de nosso povo, e satirizada com vigor, são uma banalidade; que Arthur Azevedo é um teatrista nulo, e que suas obras *As Joias*, *O Badejo*, *Casa de Orates* etc., não têm mérito algum; não pronunciemos o nome de Andradina de Oliveira; silenciemos sobre os dramas de José de Alencar, sobre essa arrebatadora *Mãe*, que comove e educa, sobre esse *Demônio Familiar*, que nos alegra e faz bem porque... José de Alencar foi mais romancista que dramaturgo; apaguemos como inconscientes, o nome de Porto Alegre do número de nossos teatristas; finalmente, calemos de propósito os nomes de Damasceno Vieira, Quintino Bocayuva, Domingos Olympio, Affonso Olindense (um dramaturgo de mérito), Alexandre Fernandes, Maciel Pinheiro, Costa Pinto, Annibal Falcão, Samuel Martins, Cunha Valle, Rodrigues da Costa Amaral Tavares... Todos escritores nacionais, porque esses, cansados de lutar com a indiferença de um público de cavalinhos, quebraram cedo a pena para esse gênero ariadíssimo da literatura.

Ponhamos de parte esse punhado de heróis, de teatristas *incompetentes*, na abalizada opinião do brilhantíssimo espírito do Padre Rezende, e falemos de Agrário de Menezes fundador do malogrado Conservatório Dramático, da Bahia, o laureado autor de várias peças de valor, desse empolgante *Calabar* – a sua obra prima – drama cuja sua primeira representação foi uma apoteose; citemos desassombradamente o nome de Segundo Wanderley, escritor nortista, nome, talvez, desconhecido no Rio de Janeiro, mas que pertence a um teatrista consciente, em cuja bagagem literária figuram dramas modernos e bem delineados, como esse magnífico *Amor e Ciúme*, que já tivemos o prazer de ouvir e aplaudir com justiça; coloquemos em foco a Sílio Boccanera Júnior, cuja pena ainda não fraquejou e que nos tem dado peças de escol como *O Grito da consciência*, *Adélia Carrê*, dramas: *A batalha dos pássaros*, *A fror da arta sociedade*, comédias etc; relembremos com saudade, o nome do operoso Moreira de Vasconcelos, empresário, ator e teatrista que nos legou dramas como o

Guarani e Joana Ferras – primorosa peça naturalista – digna de figurar entre obras primas pelo seu desenvolvimento natural e sem liames, pelo vigor palpitante que soube dar aos menores detalhes das cenas, pelo estudo fiel que nele fez de vários temperamentos distintos e, sobretudo, pela bela lição de moral que nos dá; apontemos como um dos mais tenazes batalhadores a Haroldo Nunes, autor de vários dramas excelentes, como *Dolores*, *Coração de Mulher*, *Rosas e Goivos*, *O bem e o mal*, o *Anjo do lar*, dramas, o último dos quais – um mimo – escrito para a atrizinha de então, Julieta dos Santos, essa fugitiva e rutilante estrela dos bastidores, cujo brilho cedo se apagou na penumbra das abominações pela perversidade cúpida dos homens; apontemo-lo como autor de várias comédias de sugestiva e natural fatura, tais como *Os pretendentes*, *Grandes manobras*, *O idiota*, *A prima*, *A sogra* etc, e que são pilhas de humorismo sadio, principalmente a última; isto feito perguntemos, com a devida venia: encontram-se ou não no Brasil escritores teatrístas que tenham criado obras de valor?

Severiano de Rezende, o padre abalizado em coisas teatrais, quis ser profeta e vaticinou que o único escritor nacional, capaz de levantar o nosso teatro da catalepsia em que jaz, é Coelho Neto.

Não o contradizemos. Para isso, porém, falta no autor de “Inverno em flor” o que sobrava Arthur Azevedo; a prática; a convivência diária com os artistas, na caixa dos teatros, sob tangões, entre bastidores, à luz das gambiarras e das coxias, nos camarins dos artistas; imiscuir-se com eles, ouvi-los, estudá-los, assistir a ensaios, ver como se montam peças, conhecer os mínimos detalhes da arte e os menores segredos da cena, ter gosto pelo teatro, enfim.

Sem isto, pouco ou coisa alguma se consegue.

Nunca também tivemos atores, além do *esporádico* João Caetano...

Mas... Santo Deus! Que diabo de águias teatrais sublimes; que prodigiosos atores esperam, os que assim pensam, que o Brasil produza, para satisfazer o seu arqui-piramidal bom gosto artístico?

Negar, por exemplo, a envergadura de uma verdadeira notabilidade artística a Guilherme de Aguiar, ator para todos os papéis e para todos os gêneros de peças; que no palco tão bem sabia envergar a casaca do aristocrata, como a blusa do operário; a camisola do lobo do mar, como o *veston* do dandy, achando-se em todas as personagens que encarnava muito à sua vontade, é ser positivamente injusto.

Negar talento artístico, dizer, sem que lhe doa a consciência, que Francisco Corrêa Vasques não foi uma notabilidade teatral, um ator de talento, seria um absurdo, uma requintada falta de bom senso; afirmar que o saudoso ator Gusmão foi uma vulgaridade dos bastidores é avançar impunemente uma infâmia; dizer que o nosso querido Xisto Bahia nada valia como ator no palco brasileiro, é cometer criminosamente um ato indigno de lesar o amor à arte; sustentar sem que lhe tremam a voz, pela irreverente inverdade, que Moreira de Vasconcelos não foi um artista de merecimento; que Alfredo Peixoto não foi um senhor consciente e lúcido da ribalta; que Lima Penante não passou nunca à luz da rampa de uma mediocridade artística, é sustentar cavilosamente uma sandice.

E Galvão? E Joaquim Augusto, Peregrino, Teixeira, Antônio Coimbra, Florindo, Leal Ferreira, Rocque Coutinho, Mesquita, Joaquim Silva, João Câmara, Corrêa Vasques (Filho), Dias Braga, Cardoso da Mota e toda uma seleta lista de artistas que desapareceram: que nos dirá dela o ilustre padre?

Dos vivos, dos que ainda lutam, prostituindo o talento no desempenho de peças acanhadas, porque a isso são forçados pelo público e pelos teatrístas que, talentosos como são, conhecendo o

público dos teatros e querendo garantir o pão de amanhã, são também forçados a escrever essas monstruosidades escandalosas e torpes, enfeitando-as de música ligeira, de apoteoses deslumbrantes, iluminadas a fogo de bengala; dos que ainda lutam, poderíamos citar, sem desdouro, os nomes de João Colás, Olímpio Nogueira, João Rocha, João Barbosa, Nazareth Affonso Oliveira, Ferreira de Souza, Antônio Peixoto, João Machado, Luiz França, Edmundo Silva, Peret, Eduardo Leite, Leonardo, Pedro Augusto, Alfredo Silva, Eugenio de Magalhães, Francisco Mesquita, Antônio Campos, José Castro, Pedro Nunes, Antônio Serra, Leopoldo Fróes e tantos outros que por aí andam espalhados de norte a sul, fazendo pela vida porque a arte que abraçaram lhes é madrastra.

E não nos venham dizer que entre os cidadãos por mim, alguns são atores portugueses, porque eu lhes responderei que, se Portugal lhes foi o berço, o Brasil lhes foi o túmulo e lhes é o teatro de ação: para cá vieram: para cá vieram crianças, aqui se criaram, aqui se fizeram artistas, daqui nunca saíram; são, por conseguinte, vocações artísticas brasileiras.

Não é menos profusa a lista que posso apresentar de atrizes brasileiras que têm pisado com distinção e honra os nossos palcos.

Aí estão as crônicas teatrais que falam bem alto e nos fazem lembrar os nomes dessas que já se foram para a vida subjetiva e que se chamaram Ludovina Soares, citada por Alvares de Azevedo, como notabilidade; Antonina Maquelú, Adelaide do Amaral, Manuela Lucci, Emília Câmara – a ingênua brasileira que tão ardente paixão inspirou ao vate baiano, na época da escola condoreira: João Gobert, que tinha uma esplêndida criação na Tapuia, do *Ódio da Raça* – verdadeiras vocações artísticas, e Deolinda Leal, Izabel Porto, Maria Luiza, Vicentina de Moura etc.

Das vivas a lista é maior: Clelia de Araújo, Dolores Lima, Apollonia Pinto, Jesuína Montaná, Ismenia dos Santos, Lucinda Simões (portuguesa que se fez artista no Brasil, criando no Rio um teatro a que deu o seu nome), Lucília Simões (o contrário de sua mãe, brasileira que se fez atriz em Portugal), Lucília Peres, todas artistas de 1ª ordem, dignas de figurar na galeria artística de notabilidades.

São ainda atrizes de merecimento incontestável: Gabriela Montani, Isolina Monclar, Balbina Maia, Luiza Leonardo (infelizmente afastada do teatro), Cinira Polonio, Branca de Lima, Aurelia Delorme, Olympia Amoedo, Abigail Maia, Gabriella Athayde, Olympia Montani, Adelaide Lacerda e um sem número de satélites que lhes giram em torno, como: Maria Maia, Clementina dos Santos, Helena Cavallier, Julieta Pinto, Cecília Porto, Corina Moss, Nathalia Serra, Adelina Nunes, Estephania Louro, Celina Bonheur, Jesuína Leal, Francisca Monclar etc. Para não falarmos na Lopiccolo, na Elvira Concetta e na Maria da Piedade, que por direito também nos pertencem, embora sejam estrangeiras.

Não, com franqueza e sinceridade, o erudito padre Severiano de Rezende não tem razão em afirmar que entre nós não há e nem nunca houve teatro, atores e teatristas. O que aqui deixo engoiadamente escrito e insofismável.

Precisamos apenas arcar contra as traduções estultas; criar um conservatório dramático; injetar no ânimo de nosso povo o fino gosto pelo drama moderno; esmagar essa cabeça de turco do indiferentíssimo público para as obras de valor, subvencionado empresas criteriosas, que procurem arrebanhar os nossos melhores artistas tresmalhados pelos Estados da União, formando, com eles, companhias de 1ª ordem, que só levem à cena peças nacionais, aprovadas pelo conservatório; um teatro- escola para novos artistas, finalmente, curar a catalepsia que empolgou o teatro nacional, mas curá-la radicalmente, para sempre.

A tarefa não é fácil, demanda quase um esforço sobrenatural, mas vale a pena tentá-la.

Este drama, em 04 atos, é extraído, quase que *ad litteram*, de **Irmã Celeste**, romance de fôlego, concepção feliz e majestosa do distinto escritor luso, Dr. Vieira da Costa, a quem peço benevolência do arrojado tentamen.

Se mérito há no meu trabalho, é apenas na arquitetura dos atos, na combinação das cenas e na criação de algumas, para dar vigor à montagem da peça, que foi obra de um modesto e fraco *carpinteiro* teatral.

O drama difere do romance, além de uma ou outra cena, apenas no desfecho: no romance a heroína morre ao ler a carta fatídica; no drama, há somente uma síncope, não indo o extrato além do capítulo XII, para a felicidade dos dois amantes e vivacidade do quadro final que, em cena, com a morte de Celeste, se tornaria monótono e frio.

Mais nada.

Pará, 1910.

O autor

(José Eustachio de Azevedo)

Irmã Celeste

“Irmã Celeste”, alta comédia de Eustachio de Azevedo, extraída do romance do mesmo nome, do literato português Vieira da Costa, doutor em medicina, atualmente no corpo diplomático, e representada, em recita do autor, no palco do Bar Paraense, ao serão de ontem, 02 de maio de 1913.

Não escrevo sob o influxo dos sentimentos otimistas da amizade que de longa data me liga a Eustachio de Azevedo (*Jacques Rolla*) as anêmicas linhas que se vão ler, mesmo porque amizade e amigo são, hoje em dia, palavras tão estafadas, que presumo já ir opinando a humanidade, em peso, com o misantropo que, outrora, pensava com amarga restrição: “Meu amigo é o meu bolso... Quando não está furado!”

Não é também uma crítica “ex- cátedra” que venho fazer de “irmã Celeste”, senão uma desalinhavada série de impressões sobre aquele mimoso trabalho do Eustachio.

Ao correr da pena, direi da recita do autor dada ontem, à noite, no palco Bar Paraense, com o referido produto d'arte, que, de mui boa vontade, veio fornecer mais um músculo à raquítica e xaroposa comediografia nacional. Criticar dramas e comédias é, após Francisque Sarcey, mister tão pesado de responsabilidades que a tanto jamais ousaria abalançar-me, por mais que pareça presumir das minhas debilíssimas forças. Adstringir-me- ei pois, tão somente, ao campo delimitado pelas raias do noticiário.

Os cinco primeiros artistas que encarnaram os outros tantos personagens principais, entre os quais são mui habilmente jogadas as cenas que constituem o muito aceitável entrecho da “Irmã Celeste”, souberam, por sem dúvida, tirar bom partido da oportunidade que lhes proporcionou a peça encenada.

É claro que lhes facilitou a faina a simplicidade de bom quilate e sem rastejantes descambamentos para a banalidade, a qual simplicidade é a ótima característica do sedoso mártir da ação de “Irmã Celeste”. Esta peça é antes de mais nada um elegante painel bordado sobre talagarça de resistente urdidura, comunicando-me a impressão de um pequeno “aubusson” literário de merecimento.

A psicologia da peça, despida totalmente das arrebicadas complicações que enleiam fatigantemente o espectador, foi bem sucedida bem cuidada e profundamente humana, em quatro atos, representados em sessenta e seis minutos apenas.

Não exornassem outros predicados a comédia agora estudada, que se lhe creditaria, desde logo, esse de ser satisfatoriamente desenvolvida com a brevidade de bom gosto, própria do gênero e notada nos melhores espécimes da alta comédia.

A tese da peça será, por certo, julgada por sectários – tese de exceção: uma jovem fanatizada por um padre, que lhe cobiça o dote, para a igreja, pela sugestão do confessorário, é desfanatizada pela sugestão hipnótica operada por um médico anti- clerical, que a ama apaixonadamente.

O enredo de “Irmã Celeste” é por demais conhecido dos frequentadores do Bar, onde tem sido levado à cena vezes seguidas, para que sobre ele se espraie agora, fatigado o leitor.

Consignarei como qualidades essenciais do labor fino e paciente de Eustachio de Azevedo a série de diálogos cerrados, repassados de calor, traço empolgante dos bons mestres na arte, e, sobretudo, a linguagem castiça, sem pretensões, antes realçada por sensível naturalidade.

Alves da Silva teve a seu cargo o papel de Dr. Ayres, e folgo em ter ensejo de, pela primeira vez, externar-me sinceramente sobre a sóbria comodidade com que esse artista pisa no palco e nele diz, controvertendo, assim, opiniões menos justas, que, em palestras, tenho ouvido a cerca de técnica artista artístico- teatral.

Sarah Nobre deu- nos uma noviça deliciosa e formosíssima, na sua louçania da primeira juventude, recordando-me Thereza de Jesus, na mocidade.

Adelina Nobre foi uma D. Amélia correta, cheia de empenho pela libertação espiritual de sua sobrinha.

O farmacêutico foi feito por Alacid, e o padre, encarnado psicologicamente bem pelo ator Reynaldo Teixeira. Esses artistas não desmereceriam se, de futuro, velassem um pouco mais sobre a prosódia das partes que lhe são confiadas.

A irmã superiora do serviço hospitalar, cujo nome infelizmente ignoro, deu o necessário relevo ao seu rápido, porém, empolgante “bout de rôle”.

Os restantes artistas, em seus papéis auxiliares, bem merecem encorajadora nota nesta crônica, que, de modo algum, poderia ser desfavorável aos seus esforços.

Sinto pruridos de registrar minha boa impressão sobre certos lances verdadeiramente dramáticos da peça; porém, o adiantado da hora, em que escrevo, tolhe-me a pena a essa tarefa, em outro momento agradabilíssima.

A casa, ornamentada com distinta elegância e com uma assistência grande e seleta, entre a qual notei formosas senhoras, pessoas gradas e, particularmente, altas luzes do mundo maçônico, aplaudiu constantemente a peça e fez merecida justiça, chamando, por três vezes, o seu autor à cena, ao finalizar o terceiro ato.

Uma orquestra composta dos professores da Banda Portuguesa, sob a esforçada regência do Sr. Luiz Lima, deliciou a plateia, nas aberturas dos quatro atos, com formosos e bem executados trechos de música de salão, exceção feita de alguns cochilos semi- tonais da flauta e do clarinete.

Concluirei esta, para o leitor, estafante resenha do espetáculo ontem realizado no Bar, afirmando desassombadamente, que Eustachio de Azevedo, com a sua *Irmã Celeste*, exhibe uma prova irrefutável de que poderia fazer carreira vantajosa de comediógrafo, num meio bastante desenvolvido em coisas de teatro, como já se vai tornando a capital da República. Infelizmente, porém, ainda nem a passeio lhe foi possível perlustrar as ruas e avenidas cariocas; quanto mais para lá mudar os penates!

E, neste ponto, quer-me a mim parecer que o festejado autor nortista pertence ao grande número de provincianos de talento, que não tem a precisa coragem para abandonar o torrão que lhes foi berço querido e os quais preferem o borralho, no lar, à fogueira, ao descampado.

Naturezas ingenuamente delicadas e tímidas, destituídas das audácias dos aventureiros sem entranhas, século vinte – ficam-se a vida inteira a esgotar a saúde na faina moirejante do jornalismo local, mas que em parte alguma exaustiva nos climas tórridos.

Seu quinhão, na mesa da existência, são a carteira redacional, sob a canícula do dia, e a banca de revista, sob a umidade da noite, sempre a *tinir*, sem vintém, a fugir aos credores, julgados por todos como “alegres mandriões”, quando eles são, sem controvérsia, verdadeiros mártires do trabalho intelectual – eternos degraus por onde sobem todos os felizardos da vida, de cambulhada com uma boa dúzia de politiqueiros astutos e uma melhor grosa de verdadeiras nulidades locupletadas com os proventos das vespas tramoias de toda espécie.

ANTONIO DE CARVALHO

(*Folha do Norte*, ano 18º, nº 6.479, de sábado, 03 de maio de 1913).

Irmã Celeste

Foi uma vitória, uma dessas vitórias que devem confortar e devem animar o autor e os que foram encarregados do seu desempenho, a alcançada anteontem à noite, com a representação, no Bar, em “première”, do drama “A Irmã Celeste”.

A peça é de apreciável valor artístico, encerrando belos ensinamentos morais e ao mesmo tempo um estudo de observação sobre o fanatismo religioso e a ação sugestionadora do jesuitismo sobre as almas propensas às superstições e credices.

O trabalho, dividido em quatro atos, da lavra de Jacques Rolla, que com rara felicidade o extraiu do romance do conhecido médico português e reputado escritor Vieira da Costa, está feito com a proficiência e inteligência que possui o autor, sendo de uma feição inteiramente moderna, com um estilo elegante e conciso.

Os atos são leves, prendendo vivamente a atenção da assistência, e entremeados de fina verve que produz hilaridade na plateia, ao contrário de muitos dramas, nos quais o espectador sai, muitas vezes, impressionado com as cores carregadas de sentimentalismo.

Na “Irmã Celeste” os fatos se vão desenrolando com grande naturalidade, nada havendo que possa parecer inverossímil, mostrando- nos cousas que se estão passando diariamente.

Aí se vê a influência perniciosa do jesuíta, infiltrando- se no lar doméstico, onde antes tudo era alegria e felicidade, risos e venturas, para fazer calar os sentimentos mais divinos de amor filial, a fim de arrancar dos braços de uma velha mãe, alquebrada e doente, a filha idolatrada, cuja herança, cobiçada pela “companhia”, será no futuro um patrimônio da congregação dos “santos ministros do Senhor”.

À beleza da peça aliou- se o magnífico desempenho, conquistando os artistas que nela tomaram parte os mais justos aplausos, cabendo as honras da noite a Sarah Nobre que encarnou admiravelmente o papel de Irmã Celeste. Alves da Silva, o Dr. Ayres, portou- se maravilhosamente; Alacid, o farmacêutico, foi feliz no seu desempenho, arrancando, de quando em vez, à plateia, estrondosas gargalhadas; Reinaldo Teixeira, o padre Guilherme, e os demais artistas, andaram bem.

A cena, porém, que a nosso ver, mais sobressaiu, foi a do 2º ato, no qual Alves da Silva revelou- se- nos um exímio hipnotizador, e Sarah Nobre, deu- nos a ilusão completa de uma pessoa dominada pelo fluído hipnótico.

Jacques Rolla, deve sentir- se satisfeito, não só com o extraordinário sucesso que o seu trabalho obteve, como também pela calorosa ovação de que foi alvo por parte da assistência, que chamando- o à cena, o vitoriou freneticamente durante largo espaço de tempo.

Termino esta despreziosa e impulsiva crônica, enviando o meu abraço fraternal ao autor, e parabéns à companhia Alves da Silva, a quem também cabe os louros da vitória.

ARNALDO DE BRESCIA

(*Folha do Norte*, de 19 de abril de 1913)

Irmã Celeste

Hábil e artisticamente encenado pelo autor Alves da Silva, foi representado, anti- ontem, nesta casa de diversões o drama em 04 atos, “Irmã Celeste”, engenhosamente extraído pelo nosso colega Eustachio de Azevedo, da *Folha do Norte*, do portentoso romance desse nome, contendo um fino estudo patológico, original do Dr. Vieira da Costa.

O distinto poeta paraense, Eustachio de Azevedo, foi realmente feliz na confecção do drama, aproveitando perfeitamente bem a parte da combatividade do clericalismo em belos lances dramáticos, em pequeninos e graciosos diálogos, como se usam, modernamente, em todas as boas peças, que são levadas à cena nos teatros de primeira ordem.

No segundo ato, a cena do hipnotismo, em que o Dr. Ayres convence a Irmã Celeste, a abandonar o hábito e regressar ao lar da família e ao convívio da sociedade, é pequeno, mas suficiente para demonstrar que à luz da ciência se vão esboroando todos os ridículos, artifícios que, para fins repudiados pela culta sociedade, os apaniguados de Loyola, em proveito da nefanda seita, deturparam a doce e divina doutrina de Jesus.

Enfim, o drama do nosso confrade Eustachio de Azevedo é um trabalho leve e bem feito, onde as cenas sucedem- se naturalmente, muito bem marcadas e descritas, prendendo sempre a atenção da plateia desde o primeiro ato até ao fim, fazendo passar, num instrutivo serão, três horas amenas e agradáveis.

O sucesso atingido anti- ontem, pelo nosso estimado confrade, sendo vitoriosamente aplaudido pela ilustre plateia do Bar Paraense, demonstrou cabalmente que a “Irmã Celeste” agradou em toda linha, tornando- se digna de figurar dentre as primeiras peças do repertório de uma boa companhia.

Abraçando o nosso confrade, daqui enviamos-lhe os nossos emboras pelo brilhante êxito da “Irmã Celeste”.

– A interpretação da peça pelo grupo do conceituado artista Alves da Silva, livre de alguns senões próprios de uma estreia, e melhor estudo dos papéis por alguns artistas, esteve bastante regular.

Quem deu a nota, cabendo- lhe as honras da noite, foi a graciosa senhorita Sarah Nobre, encarnando a personagem “Valentina” (Irmã Celeste) que, no terceiro ato, esteve realmente celestial, levando- nos a assegurar- lhe que, assim continuando, ainda será uma das estrelas mais refulgentes no céu artístico do teatro luzo- brasileiro.

Os nossos parabéns à mimosa e novel atriz.

C. W

(*Estado do Pará*, de 19, abril, 1913)

Como auguráramos, obtive pleno êxito a primeira representação, anti- ontem no teatro do Bar Paraense, da peça dramática “Irmã Celeste”, extraída do romance do mesmo nome pelo nosso confrade da *Folha do Norte*, Eustachio de Azevedo (Jacques Rolla).

Esse trabalho teatral, em cuja contextura se revela a habilidade e competência do autor, como entendido na matéria, prendeu do principio ao fim a atenção do público bem numeroso que compareceu ao Bar Paraense, tendo sido aplaudida várias cenas empolgantes.

Excelente desempenho teve a interessante peça dramática pela companhia Alves da Silva. A jovem atriz Sarah Nobre, no papel de principal protagonista, conduziu- se com admirável correção, especializando- se na cena do 2º ato, quando esta hipnotizada, que interpretou com grande naturalidade, merecendo justas palmas. Adelina Nobre encarnou também com muita propriedade o papel de Amélia, revelando-se como sempre, a artista de mérito que é.

Dos atores, Alves da Silva (o médico) foi um cientista exímio, encarnando essa personagem com a maestria de artista consciencioso que nele conhecemos; Alacid, muito bem no papel de farmacêutico, embirrando constantemente com as freiras; Reynaldo, muito bem no de padre Guilherme, personagem a que deu relevo com seu trabalho inteligente.

Enfim, boa representação, boa montagem, encenação de 1ª ordem, chamada dos atores em todos os atos e, no final, do autor, indício certo do sucesso atual e futuro da peça do escritor paraense.

(*Correio de Belém*, de 19 de abril de 1913).